

## PRELÚDIOS

Só existe uma forma de se chegar ao universal: observar o particular, não superficialmente mas minuciosamente e em detalhes<sup>1</sup>.

Para compreender isto de modo mais claro, precisamos, tanto aqui como em inúmeros casos análogos, considerar as particularidades dos processos: *olhar mais de perto* o que está acontecendo<sup>2</sup>.

Souyla está cursando a 2ª série do 1º grau. Seu pai, ex-operário da construção civil, não-qualificado; está aposentado. Ele e sua mulher, dona-de-casa, são analfabetos, dominam com dificuldades a língua francesa e têm um conhecimento bastante restrito do sistema escolar (de seu funcionamento cotidiano, do desempenho de seus filhos, das classes que freqüentam...). O casal teve onze filhos e vive na periferia de uma grande cidade. Souyla está indo muito bem na escola.

Esta descrição sumária de uma situação social e escolar, que poderia ser a verbalização de algumas informações extraídas de uma das inúmeras fichas de análise de uma pesquisa estatística que tenta "explicar" a melhor ou pior situação escolar de crianças de 2ª série do 1º grau, segundo um conjunto de indicadores "objetivos" (níveis de formação, situações profissionais, lugar onde moram os pais, grau de conhecimento do sistema escolar e acompanhamento da escolaridade dos filhos, número de filhos na família...), não é ficção, ainda que apresente algo de inesperado. O quadro descritivo, por seu aspecto atípico — como, pode-se questionar, uma família que acumula tantas "deficiências" poderia levar uma criança a ter "sucesso" na escola? — pergunta o sociólogo, em busca de maiores explicações.

Porém, ao procurar compreender, esse sociólogo confunde-se ainda mais. Comparando algumas famílias a partir do conjunto dos atributos ou dos recursos dos quais "objetivamente" dispõem, não conseguirá chegar a nenhuma conclusão: famílias não totalmente "desprovidas de recursos", sobretudo do ponto de vista do capital escolar, possuem filhos com enormes dificuldades escolares, ao passo que outras, cujas características objetivas levariam a pensar que a esco-

laridade dos filhos poderia ser custosa, possuem crianças com boa e mesmo muito boa situação escolar. Há, portanto, para o sociólogo, em relação ao que conhece sobre o funcionamento provável do mundo social a partir de dados estatísticos, como que um mistério a ser elucidado. As pistas parecem, ao menos no início, confusas, e a tentativa de compreensão de situações atípicas, que não nos mostram aquilo que poderíamos esperar, constitui um verdadeiro desafio sociológico.

V  
PRIN  
CIPAL A questão central que moveu nossa pesquisa diz respeito à compreensão das diferenças "secundárias" entre famílias populares cujo nível de renda e nível escolar são bastante próximos. Semelhantes por suas condições econômicas e culturais — consideradas de forma grosseira a partir da profissão do chefe de família —, como é possível que configurações familiares engendrem, socialmente, crianças com níveis de adaptação escolar tão diferentes? Quais são as diferenças internas nos meios populares suscetíveis de justificar variações, às vezes consideráveis, na escolaridade das crianças? O que pode esclarecer o fato de que uma parte delas, que tem probabilidade muito grande de repetir o ano no curso primário, consegue escapar desse risco e até mesmo, em certos casos, ocupar os melhores lugares nas classificações escolares? Essas são as questões para as quais tentaremos encontrar respostas, tentando compreender as posições escolares de crianças da 2ª série do 1º grau em relação à sua situação, ao cruzamento de configurações familiares específicas e do espaço escolar. Para sermos mais precisos, o objeto central de nosso trabalho são os fenômenos de dissonâncias e de consonâncias entre configurações familiares (relativamente homogêneas do ponto de vista de sua posição no seio do espaço social em seu conjunto) e o universo escolar que registramos através do desempenho e comportamento escolares de uma criança de cerca de 8 anos de idade.

A maneira pela qual os professores primários classificam os "fracassos" escolares, ou seja, atribuem a esses acontecimentos um contexto interpretativo, é relativamente diferente quando julgam individualmente os alunos de uma classe ou quando julgam as "causas gerais" do fenômeno. Quando os professores falam de uma forma muito genérica, as "grandes causas sociais" tornam-se predominantes. Pro-

cedem assim, de certa forma, à maneira dos sociólogos que manipulam categorias macrosociológicas. Viveríamos em uma sociedade na qual os pais não "conversam mais com seus filhos", não têm "mais tempo" ou "mais vontade" por causa de suas ocupações profissionais, onde os círculos familiares se tornam "cada vez mais instáveis", com mães solteiras, famílias "implodidas" pelos divórcios, separações e situações econômicas "precárias" (desemprego, salário mínimo de inserção\*...). Os filhos, em tais situações, "perdem todos os parâmetros", "não desenvolvem sua linguagem" e "são abandonados a si próprios". Quanto aos pais, estes deixam de ser "verdadeiros pais": não desempenham — ou não desempenham mais — seu "papel", "omittem-se" e "não cuidam mais dos filhos".

No entanto, quando é preciso evocar esse ou aquele aluno da classe, com suas dificuldades e suas capacidades específicas, seu modo de comportamento e seu desempenho escolar, os professores não mantêm mais o mesmo discurso. As explicações se tornam menos segmentadas, menos caricaturais, menos evidentes. Confrontados com algumas crianças específicas, apresentam questões prementes: como fazer para modificar ou "desbloquear" uma situação difícil? Por que tal aluno, que era um "perfeito vagabundo", um belo dia começa a "funcionar melhor", "a interessar-se mais", ao passo que nunca conseguimos fazer nada por aquele outro?

Os professores (sobretudo aqueles que estão menos habituados a manipular categorias sociopolíticas) resistem na maior parte das vezes às explicações sociológicas em termos de categorias sociais, de grupos ou de classes, de causas sociais ou determinantes sociais. E resistem, sem dúvida, por algumas (boas) razões. De um lado, encontram com regularidade casos que não se encaixam nos modelos que lhes são propostos: "desempenhos" exemplares em meios populares (às vezes é o seu próprio caso particular), ou, inversamente, "catástrofes escolares" em meios burgueses. Por outro lado, além do caráter excepcional de certos casos encontrados, a vida escolar os leva a tratar os alu-

\* O salário mínimo de inserção (em francês, *revenu minimum d'insertion*, o RMI) é quanto ganha um desempregado como salário-desemprego, ou então os indivíduos totalmente marginalizados do sistema de trabalho na França. Ele gira em torno de 500 dólares. (N.T.)

nos caso por caso (com nome e sobrenome), nunca totalmente similares entre si, apanhados em um contexto de classe particular, com pais, desempenhos e um comportamento escolar singulares.

Ora, nós, aqui, apostamos que a sociologia (por causa de seu modo de pensar relacional e por evitar a absolutização de certos traços sociais, por sua capacidade específica de distanciamento em relação a realidades de interdependência, que, normalmente, provocam sobretudo atitudes de engajamento<sup>3</sup>) pode ajudar a compreender casos específicos (não especialmente no sentido de “excepcionais”) sem dispersar as razões ou disseminar as causas ao infinito. Notemos que encontramos aí um belo exemplo de elo entre senso comum e saber científico, que, dados os problemas epistemológicos, metodológicos e teóricos levantados pela pesquisa, complica de maneira singular o debate sobre o tema.

Quando queremos compreender “singularidades”, “casos particulares” (mas não necessariamente exemplares), parece que somos fatalmente obrigados a abandonar o plano da reflexão macrosociológica fundada nos dados estatísticos para navegar nas águas da descrição etnográfica, monográfica. E, geralmente, a questão do elo ou da articulação entre estas duas perspectivas não se coloca nem àqueles que, etnógrafos ou estatísticos convictos, falam do mundo de modo diferente, mas com o mesmo sentimento de dar conta do essencial. Ora, em vez de fazer de conta que a compreensão de casos singulares acontece por si só, colocando-nos de imediato e ingenuamente do lado daqueles para quem a questão da representação ou da generalização não causa nenhum problema, optamos, no quadro de uma antropologia da interdependência, por estudar explicitamente uma série de questões (singularidade/generalidade; visão etnográfica/visão estatística; microsociologia/macrosociologia; estruturas cognitivas individuais/estruturas objetivas...) a respeito de um objeto singular e limitado. E, sobretudo, questionar a prática — muito criticada nos estatísticos — que consiste em juntar, em uma mesma categoria, realidades consideradas diferentes, e que, logicamente, implica sacrificar sua singularidade.

Além disso, durante um percurso de pesquisa que acentuava as modalidades concretas da socialização familiar, encontramos múltiplos

tiplos exemplos que possibilitaram compreender como o capital cultural parental (ou de forma mais ampla, familiar) podia ser transmitido, ou, ao contrário, não conseguia encontrar condições para ser transmitido. Ou ainda, como, na ausência de capital cultural ou na ausência de uma ação voluntária de transmissão de um capital cultural existente, os conhecimentos escolares podiam, apesar de tudo, ser apropriados pelas crianças. Mas, afinal de contas, as próprias noções de “capital cultural” e de “transmissão” ou de “herança” — metáforas úteis quando comentamos quadros que cruzam variáveis — deixam de ser pertinentes quando, ao mudar a escala de observação, voltamos para a descrição e análise das modalidades da socialização familiar ou escolar, no âmbito de uma sociologia dos processos de constituição das disposições sociais, de construção dos esquemas mentais e comportamentais.

A título de aviso ao leitor, gostaríamos de ressaltar a escolha, um pouco particular, de determinada escritura sociológica. Após termos precisado o ponto de vista do conhecimento adotado, descrevendo em seguida a população analisada, e antes de propormos algumas conclusões a serem extraídas da exploração sociológica feita, apresentamos uma série de “perfis familiares” que constituem o corpo principal deste livro. O perfil, como gênero científico livremente inspirado no gênero literário, comporta duas exigências fundamentais: de um lado, baseado em “dados” e preocupado com a crítica dos contextos de sua produção, é a pintura, diferente portanto do discurso literário, de um modelo particular existente na realidade. Por outro lado, deve deixar transparecer claramente a maneira específica de pintar, o ponto de vista a partir do qual o pintor observa e explicita o mundo.

Exceto suas ambições científicas principais, a qualidade deste trabalho, se existe, reside primeiro e antes de tudo no cuidado dispensado a cada uma das diferentes fases práticas da pesquisa. Nossa análise não somente apoia-se em dados ricos e suscetíveis de serem cruzados (entrevistas com 26 famílias em suas casas e notas etnográficas sobre cada um dos contextos das entrevistas, fichas com informações escolares, cadernos de avaliação, entrevistas nas escolas com cada uma das

27 crianças, entrevistas no começo e no final do ano escolar com os 7 professores envolvidos, entrevistas com 4 diretores de escola), mas cada etapa dessa pesquisa foi conduzida com a preocupação particular de se fazer uma grande reflexão sociológica em cada relatório. Às vezes, quando estes relatórios deviam ser dados "às cegas", suas conclusões sobre o trabalho eram medidas logo em seguida para compreendermos o que havia sido feito, ainda que não o soubéssemos sempre no próprio momento. O conhecimento sociológico só pode ser criado através de um trabalho permanente de retorno aos protocolos anteriores da pesquisa, a partir de aquisições progressivas, graças aos protocolos de pesquisa que se seguiram. Trata-se neste caso de um avanço através de um retorno reflexivo sobre os momentos passados do trabalho, sendo que as diferentes etapas da pesquisa não estavam jamais separadas, como nos esquemas hipotético-dedutivos escolares. Tudo é válido, a qualquer momento do trabalho, para compreender melhor o que foi feito em qualquer outro momento.

Portanto, estamos inclinados a pensar que a qualidade principal do sociólogo não pode ser a de "intérprete" final, mas sim uma qualidade de artesão, preocupado com os detalhes e com o ciclo completo de sua produção, introduzindo sua ciência nos momentos menos "brilhantes" mas mais determinantes da pesquisa: constituição da população a ser entrevistada, construção da ficha de entrevista, qualidade da relação de entrevista, trabalho de transcrição da entrevista, notas etnográficas sobre o contexto... Em vez de refletir assim que acabar a pesquisa, o sociólogo deve fazê-lo a cada instante e, particularmente, naqueles momentos banais, aparentemente anódinos, em que tudo leva a crer que não há nada a se pensar.

## NOTAS

<sup>1</sup> E. Durkheim, "La science positive de la morale en Allemagne", in *Textes*, 1975, p. 333.

<sup>2</sup> L. Wittgenstein, *Investigations philosophiques*, 1986, p. 141.

<sup>3</sup> N. Élias, *Engagement et distanciation...*, 1993.

## 1 O PONTO DE VISTA DO CONHECIMENTO

### A ESTRUTURA DO COMPORTAMENTO E DA PERSONALIDADE DA CRIANÇA

A estrutura e a forma do comportamento de um indivíduo dependem da estrutura de suas relações com os outros indivíduos<sup>1</sup>.

A personalidade da criança, seus "raciocínios" e seus comportamentos, suas ações e reações são incompreensíveis fora das relações sociais que se tecem, inicialmente, entre ela e os outros membros da constelação familiar, em um universo de objetos ligados às formas de relações sociais intrafamiliares. De fato, a criança constitui seus esquemas comportamentais, cognitivos e de avaliação através das formas que assumem as relações de interdependência com as pessoas que a cercam com mais frequência e por mais tempo, ou seja, os membros de sua família<sup>2</sup>. Ela não "reproduz", necessariamente e de maneira direta, as formas de agir de sua família, mas encontra sua própria modalidade de comportamento em função da configuração das relações de interdependência no seio da qual está inserida. Suas ações são reações que "se apóiam" relacionalmente nas ações dos adultos que, sem sabê-lo, desenham, traçam espaços de comportamentos e de representações possíveis para ela.

Se, por um lado, temos tendência a reificar os comportamentos das crianças em traços de caráter ou de personalidade, a sociologia deve lembrar, por outro, que esses traços não aparecem em um